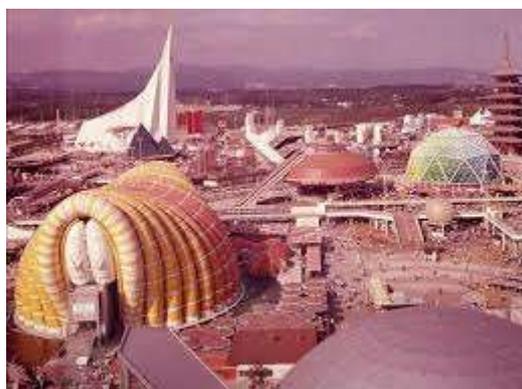




## CAPÍTULO 5 – OUTRAS VIAGENS AO ORIENTE



Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora.

Está atualizado até outubro de 2023.

Os textos foram publicados nos blogs [www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br](http://www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br)  
e [www.mariahelenandres.blogspot.com.br](http://www.mariahelenandres.blogspot.com.br)

## SUMÁRIO

1. ENSINAMENTOS TIBETANOS	3
2. ENCONTRO COM OS TIBETANOS	5
3. THRANGU RINPOCHE	7
4. BOUDDHANATH, COMUNIDADE TIBETANA	9
5. NEPAL	11
6. MEMÓRIAS DO NEPAL	13
7. LIÇÕES DE VIDA E MORTE	15
8. O ZEN E A ARTE DE VIAJAR	16
9. THOMAS MERTON, CRISTIANISMO E BUDISMO	18
10. DALAI LAMA	20
11. CELEBRAÇÃO BUDISTA AOS MORTOS	22
12. REFLEXÕES SOBRE O JAPÃO	23
13. JARDINS DE MEDITAÇÃO E ARTE JAPONESA	25
14. A ARTE DE TESSAI	27
15. O SILÊNCIO DE BUDA	29
16. EXPO 70 – DIÁRIO DE VIAGEM AO JAPÃO	31
17. MEMÓRIAS DA EXPO 70	33
18. ESCRITA ORIENTAL E PINTURA GESTUAL	36
19. A CRIANÇA JAPONESA	38

## ENSINAMENTOS TIBETANOS



Foto: Maurício Andrés

“Leva-se vinte anos para estudar o Budismo, mas se a pessoa estiver preparada aprende em dois dias”. Quem estava falando era um jovem lama, de uns trinta anos, ladeado por dois discípulos canadenses. Estava na varanda de um mosteiro, a paisagem embaixo descortinava-se numa grande planície plantada, a terra dividida em espaços retangulares, preparada com cuidado para as chuvas que se aproximavam. Varas de bambu com panos coloridos, graficamente preparados com mantras, balançavam ao sopro do vento, espalhando paz no campo. Podiam-se ver as mesmas bandeiras em redor da grande *stupa*, ou templo budista, onde os devotos realizavam suas preces. As comunidades tibetanas se espalharam pelos Himalaias e é comum se ver bandeiras coloridas em toda essa região, incluindo o Butão. Os lamas viajam pela região levando os ensinamentos de Buda. Numa das palestras a que assisti, o lama se despediu dizendo: “Amanhã estarei dando aulas no Butão.” Os tibetanos falam pouco, não se ouve vozerio como na Índia, são discretos, e quando aprendem o inglês, resumem-se ao essencial.

A meta é o encontro com o estado de Vazio, onde as preocupações, conflitos e ansiedades não têm vez. É o encontro do homem com ele mesmo, com a sua própria interioridade, além do bem e do mal, do prazer e da dor, na busca do equilíbrio perfeito entre o corpo, a emoção e a mente. Procuram viver nesse estado de não envolvimento emocional, ou melhor, de não permanência nas consequências da emoção e nos embaraços criados pela mente. Todos explicam a mesma coisa de forma diferente, mas sempre estão prontos a ajudar as pessoas interessadas. Vem gente de longe para

participar dos cursos e entrar em contato com os lamas.

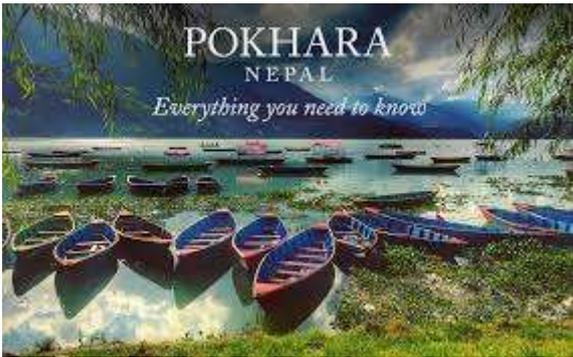
Há várias técnicas de meditação, variando de acordo com as necessidades dos discípulos, mas todas levam ao mesmo ponto: o estado de atenção necessário a uma plena consciência das coisas. Todas insistem no não pensamento. Sentir, olhar e perceber o presente sem interferências do passado ou do futuro. Os nossos sofrimentos vêm de nós mesmos, dos nossos conflitos mentais e do acúmulo de imagens conflitivas na mente. Quando aprendemos a olhar a mente de forma direta, quando a esvaziamos por completo, percebemos um estado de Serenidade e Paz, que seria o estado natural do ser humano.

O caminho do meio, pregado por Buda há 2.500 anos, conduz a um estado de alegria sem excessos e à Felicidade a que tem direito a pessoa durante o seu curto tempo de permanência na terra. Mas, de um modo geral, esse tempo é gasto em várias atividades e somente uns poucos se aproximam da beleza desses momentos como um privilégio especial. Os ensinamentos dos lamas, quando se referem à observação dos próprios pensamentos, assemelham-se às instruções de Krishnamurti. “Olhe dentro de você mesmo, observe os movimentos de seu ego, suas reações à vida diária.”

Quando tomamos consciência de que tudo está na nossa própria mente, quando compreendemos como surgem, permanecem e acabam os nossos pensamentos, sentimos que eles são realmente os geradores de todos os nossos altos e baixos. O momento presente é sempre belo e cheio de luz. Somos nós que criamos a nossa própria dor.

11 de abril de 2011

## ENCONTRO COM OS TIBETANOS



\*Fotos da internet

“Om Mani padme Hum”, é o mantra repetido 108 vezes pelos budistas tibetanos quando desfiam seu rosário. O mantra tem força e ajuda no encontro do homem consigo mesmo, com seu vazio interno. Os tibetanos buscam o estado do vazio, comum a todos os outros seguidores de Buda, através do estímulo aos sentidos externos, despertando os ouvidos com mantras, sons de tambores, sinos, visualizando esculturas e pinturas, repetindo sutras e usando 5 cores para as suas bandeiras, que representam os 5 elementos da matéria. Através das cores balançando ao vento, amarradas em postes de

madeira, os 5 elementos são lembrados.

Estamos no alto de um mosteiro em Pokhara e quem nos acompanha é um tibetano de meia idade.

“Quando os chineses invadiram o Tibete, tivemos de fugir pelas estradas para escapar à morte. Meus pais foram fuzilados e eu atravessei a fronteira para me fixar neste lugar. Tenho mulher e 3 filhos e vivo de vender objetos, artesanato e bijuterias de prata.”

“O Tibete é um país lindo, mas tivemos de fugir e nos refugiar na Índia e no Nepal.” Sherap mora no Nepal desde 1959.

Os refugiados vivem em comunidades, vendem objetos de prata trabalhados, pulseiras com arabescos e mantras. Falam pouco e têm dificuldade no inglês.

Dalai Lama tinha na época 25 anos, refugiou-se em Daramsala, na Índia, de onde dirige os vários mosteiros. É o papa do budismo tibetano e sua sabedoria se espalha pelo mundo.

Quando as terras foram invadidas, alguns lamas quiseram defendê-las, mas a filosofia budista é contrária às guerras. Os lamas preferiram fugir pelas montanhas, a pé, carregando às costas alguns objetos sagrados.

Agora a comunidade tibetana faz parte do Nepal e, paradoxalmente, este episódio de conquista contribuiu para a difusão do budismo no Ocidente.

O budismo não é considerado uma religião, mas um modo de viver correto, um caminho para a libertação do ego e seus conflitos.

O objetivo é tornar as pessoas conscientes de si mesmas. Os lamas tibetanos buscam trazer luz aos conflitos internos do ser humano, estudando a fundo a natureza da mente.

Assistimos a uma aula de budismo no centro Marpa Institute de Bouddanath, comunidade tibetana de Kathmandu.

Khenpo Tsultin Gyantso Rinpoche falou das mudanças como forma de conscientização da impermanência. Não existe nada fixo, de momento em momento estamos mudando. Quando tentamos segurar um momento, ele já desapareceu no vazio. A compreensão da impermanência, esta não existência das coisas, faz superar apegos e transcender o sofrimento e a morte.

Hoje, contemplando os Himalaias do alto do terraço do hotel, vejo muitos meninos

vestidos de mantos púrpura, que se preparam para a vida monástica.

De modo geral, as famílias no Tibete sempre tiveram o costume de entregar seu primeiro filho ao monastério. Apesar das dificuldades enfrentadas no exílio, este costume ainda é mantido e pode se ver grande número de meninos lamas em miniatura, dedicando-se ao aprendizado do budismo. (Trecho do meu livro “Encontro com mestres no Oriente”)

21 de novembro de 2016

### THRANGU RINPOCHE



Foto: Maurício Andrés

Tenho anotados em meu diário de 1978 os ensinamentos que Thrangu Rinpoche me passou.

Thrangu Rinpoche nasceu no Tibete em 1933. Reconhecido aos quatro anos como a reencarnação de um dos grandes lamas (ou monges do budismo tibetano), foi preparado, através de estudos, meditações e retiros, para ser um dos maiores instrutores do Budismo. Encontrei-o em 1978, em um mosteiro tibetano situado em Bouddhanath, em Kathmandu, no Nepal. Nessa ocasião, foi-me possível receber os seus ensinamentos e participar de um curso especialmente preparado para os ocidentais.

A doutrina de Sunyata ou do vazio torna-se fácil de ser compreendida através de seu livro: *The open door to emptiness*, ou *A porta aberta para o vazio*. O Vazio, segundo Rinpoche, não é um nada branco ou uma ausência de qualidades. Apesar de ser um estado de ser indescritível, o Vazio é a potencialidade total, que dá nascimento a todas as formas. Esse campo supremo do insight ou o espaço básico de todos os dharmas, é

frequentemente referido como a mãe de todos os Budas e Boddhisattvas (pessoa que alcançou a iluminação para benefício de todos), pois, assim como a mãe dá nascimento às crianças, também o insight dentro da natureza fundamental produz todas as ações iluminadas do passado, do presente e do futuro. Todas as aparências têm o vazio como qualidade essencial. Quando esvaziamos o sofrimento, percebendo-o na essência de onde vem, ele imediatamente desaparece. Muitas vezes estamos presos às nossas preocupações, e somente abrindo as portas da compreensão tomamos consciência de que tudo nasce do vazio e desaparece no vazio.

A lição do lama começava com a concentração em uma pedrinha. No dia seguinte, concentrávamos no retrato de Buda ou numa paisagem, até que pudéssemos perceber que não existe a separação entre o observador e a coisa observada. A recomendação era concentrar por muito pouco tempo, sem forçar. Ela podia ser feita três vezes ao dia, mas não devia ultrapassar cinco minutos. Quando nossa concentração já estivesse treinada, então poderíamos entrar em meditação. A meditação começava com a observação de nossa respiração entrando e saindo de nossas narinas. Não devíamos interferir no seu ritmo natural, mas apenas observá-la.

A quarta lição referia-se à observação de nossos pensamentos. Sentávamo-nos em silêncio, o corpo relaxado, os olhos semicerrados. Se viesse algum pensamento, apenas observávamos sem nos identificarmos com ele.

Thrangü Rinpoche orientava os alunos de forma simples, e ao final do curso recebíamos um pequeno xale branco, um rosário de contas de madeira e um mantra para ser repetido diariamente como forma de meditação.

“OM MANI PADME HUM”. Esse mantra é muito conhecido nas comunidades tibetanas. OM é a vibração da qual todo o universo emana, estando na origem de todos os mantras. MANI PADME ou “a joia no lótus” é a Sabedoria Eterna contida em nossos corações. HUM, representa a Realidade Ilimitada, contida dentro do ser humano, que une os objetos separados ao OM universal.

“Quando um mantra nos é transmitido por um mestre qualificado, a integração da sabedoria desse mantra em nossa consciência é muitíssimo facilitada. Através do poder da sabedoria do mantra, haverá facilidade para nos comunicarmos com a nossa verdadeira sabedoria interior, permanecendo, contudo, livres das distrações externas.” Através da recitação de mantras podemos transcender os sons e as palavras externas,

para escutarmos um sutil som interior que já existe em nós.

27 de abril de 2011

## BOUDDHANATH, COMUNIDADE TIBETANA



Fotos da internet

Voltei à comunidade tibetana em busca do mestre que me iniciou no Budismo em 1978. Chegamos no dia da celebração de Dharma Buda. Frente à grande stupa branca, panos coloridos, impressos com sutras budistas, balançavam ao vento. Passamos por uma multidão, acotovelando-se no mercado em frente, onde os artesãos vendiam tapetes e bijuterias. Ignorando por completo a aglomeração de pessoas, vacas, carros e bicicletas, velhos tibetanos continuavam a fazer suas práticas diárias. Repetiam mantras, desfiando um rosário de contas de sândalo denominado “mala” e rodeavam a stupa cento e oito vezes, prostrando-se no chão em atitude de reverência.

Thrangu Rinpoche dava aulas de budismo e meditação e continua recebendo os visitantes com o mesmo sorriso franco de antigamente. A função do lama é abrir a consciência das pessoas e tirá-las da ignorância.

“A hesitação de Buda de ensinar até que lhe pediram com sinceridade para fazê-lo, enfatiza uma importante característica disseminada em seus ensinamentos. Eles nunca são impostos aos outros contra a sua vontade.

‘Estes ensinamentos são fantásticos! Por que vocês não vêm juntar-se a nós?’

Também não envia discípulos às ruas para convencer as pessoas de que são infelizes, oferecendo a salvação às que quiserem juntar-se a eles. Os ensinamentos de Buda nunca foram apresentados dessa maneira e a tradição tibetana ainda segue o costume de esperar até que alguém peça para receber os ensinamentos” (Yeshe, Lama Thubten, Ensinamentos do Budismo Tibetano)

A sabedoria dos lamas atravessa fronteiras e a figura do Dalai Lama é respeitada pelo mundo todo. Lembrei-me do Dalai Lama no Brasil, na Eco-92, falando sobre ecologia para milhares de pessoas dos diversos países do mundo.

Em Bouddanath, no silêncio de um pequeno quarto de mosteiro, Thrangu Rinpoche nos perguntava sobre o Brasil a floresta Amazônica e o meio ambiente. Os lamas enxergam de forma muito ampla o sofrimento do mundo e as consequências da ambição dos seres humanos, que destroem impiedosamente, a natureza e que poluem o meio ambiente. Estão vendo de perto a poluição de Kathmandu. O vale, anteriormente procurado por sua qualidade de vida, cada vez mais mergulha na poluição. (Trecho do meu livro “Encontro com mestres no Oriente”)

14 de novembro de 2016

## NEPAL



Fotos: Maurício Andrés

Estou no Nepal. O céu muito azul, montanhas circundando a cidade, lembrando Minas Gerais, Belo Horizonte, Ouro Preto, Retiro das Pedras. O mesmo céu, a mesma situação geográfica. 4000 pés acima do nível do mar. No inverno há neve e gelo, estamos no verão na Índia, 40°C em Madras de onde saí. Aqui a temperatura é agradável e a altitude me pôs de cama o primeiro dia. Há hippies nos bairros da cidade, na zona comercial. Aqui é o bairro dos grandes hotéis, do palácio real. Meu hotel é modesto, parece uma fazendinha. Acordo com os passarinhos cantando, com os galos anunciando um novo dia. Tenho de sair de casa para almoçar e jantar. Desço as ruas até o restaurante chinês. No caminho observo as casas, as varandinhas de madeira, as janelas de grade, antigas, os compartimentos pequeninos onde os nepaleses fazem seu comércio, seus negócios. Lembra Ouro Preto, mas também a China, o Japão. Os pagodes chineses vieram daqui e do Tibet. O estilo arquitetônico dos pagodes começou nos Himalaias, berço da arte, cultura, civilização, costumes, religião. As caras dos nepaleses lembram os peruanos, bolivianos, mas também aquele olhinho puxado dos chineses. O mundo é realmente uma unidade e o planeta terra neste universo de estrelas não pode ter a pretensão de se dividir. Somos na realidade uma só e única família. Sentimos isto nas fisionomias, no jeito de ser; os nepaleses residem em lugares montanhosos, os peruanos também. Carregam seus filhos nas costas, enrolam panos na cintura para carregar pertences (nada de bolsas ocidentais). Os sáris não têm a graça dos indianos, são sóbrios, sem bordados. As comidas têm influência chinesa e tibetana. Vejo os costumes chineses de carregar mercadoria – muito prático – um pedaço de bambu e dois cestos, cada um

de um lado, presos nas pontas por cordas. A ideia é ótima, porque o corpo não carrega o peso todo, não traz problemas de coluna. Seria uma ótima ideia se fosse adotado nas fazendas brasileiras. Como tudo nasceu nas montanhas, fico achando que muitos dos costumes chineses não são chineses, mas nepaleses. Às vezes vejo carinhas de brasileiros, do Paixão, do Juscelino... Meu dentista (tive de arrumar um) é a cara do Juscelino. Deve ser bom, pois é o dentista do Rei. Estudou em Londres e não acredita em homeopatia. Fui dizendo “Tive um problema, um abscesso, cuidei com homeopatia”. “Para abscesso? Só antibiótico!”

No dia seguinte cheguei com as radiografias, antes e depois. Ele examinou, olhou... “Sarou, não tem nada.”

Hoje vou correr os mosteiros. A paz de Buda é diferente, Buda é um estado de consciência que os ocidentais chamam de intuição. Para entrar nele só transcendendo o ego e o intelecto, os conceitos, teorias, fórmulas. Sair da forma e entrar na essência – sabedoria, caminho do meio, equilíbrio corpo, mente, espírito. Somos uma só unidade. Enquanto nos dividimos, sofremos. Para crescer é preciso estar só, sentir-se só... Até que a gente percebe que não está só. Que o mundo inteiro é irmão, não existem fronteiras, divisões, separações. As caras são iguais, um sorriso, quando sorrimos estamos felizes. Por que não sorrir sempre para tudo e todos? Buda recomenda sorrir na meditação.

A rua está cheia de gente passando. Estou em Anapurna, bairro hippie. Há gente de toda parte do mundo.

13 de novembro de 2013

## MEMÓRIAS DO NEPAL



Foto: internet

Fiquei muito sensibilizada com os terremotos no Nepal, pois ali estive algumas vezes, nas minhas viagens ao oriente.

Guardo do Nepal lembranças muito importantes, que influenciaram a minha vida. Ali estão algumas comunidades tibetanas que fugiram de seu próprio país, após a invasão do Tibete pela China.

Transcrevo abaixo trechos de meu diário no Nepal em 1979:

“O Nepal sempre foi para mim um lugar de repouso e reflexão. Aprendi muito neste país, cada dia uma nova experiência. Os ensinamentos do lama tibetano Thrangu Rinpoche me conduziram à concentração e à meditação. A técnica é estar sempre no presente. Viajei de Pokhara para Kathmandu fazendo comigo mesma um treinamento que ele me ensinou. Vim de mini bus, suportando um calor terrível, criança chorando o tempo todo. Subimos morros, vendo paisagens, fazendas, terra cortada em forma de escadaria, gente cultivando. O calor é desumano. Resolvi não me por contra, mas a favor do momento. Ficar contra aumenta o mal-estar. Tudo é novo, a família em frente, o bebê chorando e a paisagem mudando, mudando. Não existe um só momento que não seja perfeito, nossa mente é que cria a imperfeição. Desejamos que o momento seja diferente do que é, mais alegre, mais calmo, mais fresco... Mas o que existe é a realidade do momento presente. Olhando com atenção, tudo tem graça. Lá fora as coisas se movem, nada é parado.

Não existe um minuto igual ao outro. A riqueza do agora é que ele é sempre novo. Passei a viagem treinando: presente – passado; presente – passado.

Viajar é bom para sentir a impermanência das coisas. Li um livro do Rajneesh sobre a impermanência – ele deve ter assimilado o Budismo, Krishnamurti, Taoísmo. Somos realmente passageiros. Agora eu sou passageira de um ônibus, amanhã de um avião. Agora, meu momento é a despedida do hotel. Meus conhecidos se foram, outras pessoas chegaram, onde andarão neste momento os amigos de ontem? Foram-se. Ocuparam estes quartos, dormiram debaixo do mesmo teto.

Estou em Kathmandu, no Shakti Hotel. Desenhei aqui todo o livro do Pepedro, fiz curso de meditação com os lamas tibetanos. À noite, sozinha, olhei a imagem dourada do Buda e me concentrei na luz que sai da sua cabeça. Buda falou sobre impermanência, desapego.

Aqui no hotel eu fico pensando que a vida é também ligeira, impermanente como os hóspedes de um hotel. Se nos apegarmos a eles, estamos perdidos. Não adianta, cada um tem um destino. Em certo sentido este hotel Shakti está sendo meu guru. Parece uma fazendinha quieta, sossegada, o dono lá embaixo é gentil, os meninos são educados.

As coisas são móveis, transformam-se, mudam como a vida. Desapego, impermanência, vida simples, despojamento do supérfluo. A mocinha canadense que encontrei no Guest House ficou minha amiga. Viaja sozinha há 4 anos, já foi hippie, agora segue os lamas tibetanos. Vai para as montanhas passar 2 meses, levando uma sacola com todos os pertences... Você não tem bagagem? Não, tudo o que eu tenho está aqui...

Largou mãe e pai no Canadá, vive aqui na maior pobreza. Os jovens estão cada vez mais despojados. Aquele alemão de cabelos cacheados passa o dia lendo os tibetanos. Os dois jovens canadenses vão para o Kashmir estudar Budismo. Usam um cordão vermelho no pescoço como proteção." (Trecho do diário de viagem, 1979)

Agora, 36 anos depois, lendo as notícias que nos chegam pela mídia, relembro a beleza e o aconchego de Kathmandu, cidade escolhida pelos jovens ocidentais, vindos de todas as partes do mundo, para encontrar momentos de paz.

13 de maio de 2015

## LIÇÕES DE VIDA E MORTE

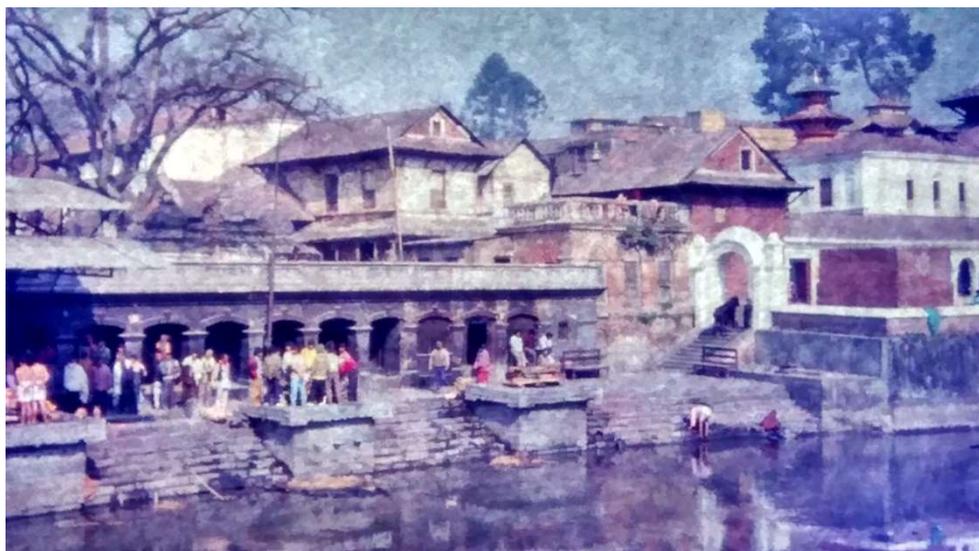


Foto: Maurício Andrés

O retorno a Kathmandu, depois de seis anos, significou para mim um toque de consciência. A invasão ocidental trouxe o consumo e a aglomeração nas ruas estreitas da cidade. No meio da poeira das demolições, tive saudades daqueles becos pequeninos onde a memória do passado estava guardada nos entalhes, nas sacadas e nos portais de madeira trabalhada. Hoje a especulação imobiliária, insensivelmente, derruba o passado.

Voltei a Pashupatinath, onde se realizam rituais de cremação. Ali a realidade conduziu-me, de forma violenta, à conscientização do destino comum de todos os seres vivos. As cerimônias de cremação proporcionaram-me um momento de silêncio. Pessoas de idade para ali se dirigem a fim de esperar a morte. Havia alojamentos especiais para os velhinhos e à tardinha entoavam mantras. Alegremente preparavam-se para a mudança de plano ou a despedida da terra. Os orientais encaram com naturalidade essa passagem.

O fogo consumia os restos mortais de pobres e ricos, que em poucos minutos se transformavam em cinzas. As famílias despediam-se de um parente e a insensibilidade das lentes fotográficas registrava a cena. A fumaça elevava-se para os céus nublados da cidade, misturando-se à poeira das demolições.

Nada é permanente, nem as construções, nem os seres vivos. “Tu és pó e ao pó hás de tornar”. Essas palavras bíblicas ressoavam em meus ouvidos.

Nessa mesma tarde, assisti a uma procissão de casamento. Os noivos atravessavam as ruas dentro de um carro coroadado de flores, acompanhados de uma banda de música e muita alegria. Andando pelos becos escuros da cidade, eu olhava algumas mulheres lavando os cabelos nos pátios centrais, uma outra massageando o filhinho recém-nascido do lado de fora da casa e grupos de artesãos modelando potes nas calçadas.

As cenas do Nepal desenrolavam-se como um filme diante dos meus olhos. Uma só manhã em Kathmandu permitiu-me refletir sobre o nascimento e a morte, a alegria e a tristeza, o trabalho interno e externo. Demolição, construção, cremação, casamento, meditação e trabalho, esses vários acontecimentos da vida significavam para mim as diversas experiências que temos que viver nesta terra a fim de nos preparar para o retorno à casa do Pai.

Somos parte integrante desse movimento de mutação e personagens desse filme que é a nossa própria vida. Não existe nada fixo. De momento em momento estamos mudando. Quando tentamos segurar um minuto, ele já desapareceu para dar lugar a outro. A compreensão da impermanência ajuda-nos a superar apegos e a transcender o sofrimento e a morte.

11 de abril de 2011

## O ZEN E A ARTE DE VIAJAR



Foto: Maurício Andrés

“O Zen e a arte de viajar”, foi tema de uma palestra no Centro de Budismo Ocidental, em Kathmandu, no Nepal.

Sentados no chão, vinte alunos ocidentais vindos da Europa, da Austrália, dos Estados Unidos e do Brasil escutavam atentos as explicações do jovem instrutor.

“Somos todos viajantes, estamos aprendendo na grande universidade da vida, sem currículos e diplomas. Viajar é um grande aprendizado. A viagem nos possibilita a vivência do agora, o desapego e a aceitação das mudanças da vida. Somos viajantes e temos que nos submeter às diferenças climáticas e culturais, também aos espaços sem conforto”.

- “As mudanças são necessárias para o nosso crescimento”, nos diz o jovem inglês. A partir das mudanças externas, uma outra viagem descortina-se para nós, a viagem para dentro de nós mesmos. Viajar com disposição de aprender acelera o nosso processo de autoconhecimento. Em busca do Conhecimento, os sábios antigos andavam a pé pelo país, peregrinando de cidade em cidade.

Só o fato de sair da rotina coloca-nos mais atentos ao momento presente, ao novo que surge a cada instante. Compreender a impermanência é um aprendizado de vida. Quando estamos viajando mudamos de cenário a cada momento e isso nos ajuda a aceitar a impermanência física, psicológica e mental. As coisas que aconteceram ontem não existem mais, cada minuto que passa desaparece no vazio.

Viajar é bom para autodescoberta. Ficamos sabendo como somos quando arrumamos nossas malas. Quanto maior for a nossa bagagem, maior é a nossa insegurança. Queremos levar tudo, carregar a proteção nas costas e cruzar o rio da vida com nossos pertences. São eles, roupas, sapatos, compras, livros, remédios... Eu observava o despojamento das pessoas em torno e ficava admirada.

- “Mas, a sua bagagem é só isso? Um cobre leito, dois vestidos e uma sandália?”

Ali não havia preocupação com o consumo. As pessoas querem aprender a viver e a conscientizar-se da vida, sem ilusão de acumular coisas. O despojamento traz sempre grande liberdade. A simplicidade é a tônica. O não consumismo é a grande sabedoria.

18 de outubro de 2012

## THOMAS MERTON, CRISTIANISMO E BUDISMO

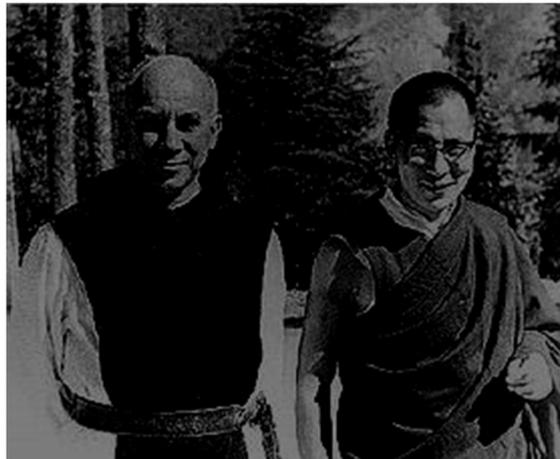


Foto: internet

Os inúmeros templos de Bangkok são famosos no mundo inteiro. A experiência de vê-los de perto, em seu deslumbrante lirismo, despertou-nos uma emoção quase musical. A mesma motivação que em um país inspira a sobriedade, em outros manifesta-se como uma explosão colorida. A arquitetura dos templos de Bangkok parece uma festa de cores. Há unidade comovente dentro da multiplicidade de enfeites e formas rebuscadas. As torres são apelos para o estado supremo de iluminação pretendido pelo Budismo. Subimos escadas estreitas que lembram os degraus da difícil ascese do homem em direção ao desapego, à paciência e à renúncia. Lá embaixo, monges budistas com cabeças raspadas, vestidos de túnicas alaranjadas, seguiam o exemplo de Buda, o príncipe Sidarta, que renunciou à vida de conforto e riqueza para realizar o seu propósito. A renúncia para eles significa a busca pela libertação e o encontro com o Nirvana. É o dissipar da ilusão, a permanente vigilância e a plena atenção ao momento presente.

A suntuosidade dos tempos, as flores de porcelana incrustadas nas torres, formavam um contraste com a humildade dos monges.

As escadas dos templos de Bangkok fizeram-me refletir sobre a ascese das diversas doutrinas, consideradas como degraus para se alcançar o infinito. Lá embaixo, os pequenos sinos vendidos nas barracas tocavam festivos ao sabor do vento. Tinham a mesma configuração das torres. Eram leves e pareciam querer levantar voo. As escadas circundando o templo, a forma de sino de algumas torres, a hierarquia das religiões,

lembraram-me um outro monge cujos passos ressoaram nessas pedras. Vestia-se como os trapistas cristãos ocidentais e trazia ao oriente a mensagem de Cristo. Veio em missão de paz, buscando, naquelas terras distantes, a harmonia com seus ideais de perfeição. Descobriu que os diversos caminhos eram apenas linguagens diferentes, mas em suas camadas mais profundas, continham a mesma verdade. Esteve no oriente procurando nos mosteiros o entrosamento com suas inspirações ocidentais.

Thomas Merton, conhecido monge cristão, autor dos livros: Homem algum é uma ilha, Montanha dos sete patamares e Zen e as aves de Rapina, morreu subitamente em Bangkok. Sua visita aos mosteiros orientais, seus estudos sobre o Taoísmo apresentando ao ocidente A Via de Chuang Tzu, revelaram-nos o Thomas Merton interessado profundamente na aproximação de diversos caminhos.

O grande pensador cristão sentiu-se atraído pela profundidade do pensamento oriental e de certo modo precedeu a atual busca da unidade de todas as religiões. Ele nos mostrou que o simples fato de nos apegarmos a uma visão parcial e tentarmos colocar nossos condicionamentos como a única verdade significa obscurecer a verdade. As considerações de Thomas Merton para o livro taoísta de Chuang Tzu estão acima das limitações impostas pelo radicalismo religioso. Não existem regras matemáticas para a vida. Dentro de nós há uma energia que é comum a todos os nossos irmãos. No entanto as buscas diferem como diferem as situações e a intensidade dos impulsos.

Thomas Merton, através de seus livros, buscou uma aproximação com seus irmãos orientais, sem querer modificá-los ou convertê-los ao cristianismo.

17 de janeiro de 2011

## DALAI LAMA



\*Fotos da internet

Dalai Lama, o principal líder do Budismo Tibetano, tinha apenas 25 anos quando o seu país foi ocupado pelos chineses. Naquela ocasião, vendo suas terras serem invadidas, alguns lamas quiseram defendê-las.

Mas a filosofia budista é contrária às guerras e os lamas preferiram escapar a pé pelas montanhas geladas, carregando às costas alguns objetos sagrados.

Agora, as comunidades tibetanas fazem parte do Nepal e da Índia e, paradoxalmente, esse episódio de conquista contribuiu para a difusão do Budismo no Ocidente. Os lamas tibetanos buscam trazer luz aos conflitos internos do ser humano, estudando a fundo a natureza da mente.

O Budismo propõe um modo de viver correto, um caminho para a Libertação dos conflitos. O objetivo é tornar as pessoas conscientes de si mesmas.

Dalai Lama nos conduz, através de sua palavra, a conscientizar a interdependência de todas as coisas. “Todos os fenômenos, desde o planeta em que vivemos até os oceanos, nuvens, florestas e flores que nos cercam, ocorrem por dependência aos delicados modelos de energia. Sem suas apropriadas interações, eles se desfazem e caem” (1)

Compreender a interdependência de todas as coisas é compreender a Unidade e naturalmente desenvolver um dos princípios básicos do Budismo: Amor e Compaixão por tudo e por todos. Esta atitude deve se estender também aos nossos inimigos. “Portanto, se nós desejamos realmente aprender, deveríamos considerar os nossos inimigos como nossos melhores professores” (2).

Eles nos ensinam dando-nos os problemas e, portanto, oferecendo-nos a oportunidade de alcançarmos o conhecimento.

Dalai Lama esteve no Rio de Janeiro, participando do encontro de todas as religiões, durante a Eco-92. Sua proposta de Paz estende-se a todos os seres humanos. “Não é necessário pertencer a nenhuma seita, mas apenas desenvolver dentro de nós Amor e Compaixão” (3).

As palavras de Dalai Lama conduziram-nos a um plano de consciência além da mente e das divisões religiosas, para alcançar um espaço vazio de nomes e formas e apenas ocupado pelo sentimento de Amor por tudo e por todos. (Trecho do livro de minha autoria “Encontro com mestres no Oriente”)

1, 2 e 3 :Tenzin Gyatso – O Dalai Lama. “A compaixão e o indivíduo”

7 de novembro de 2016

## CELEBRAÇÃO BUDISTA AOS MORTOS

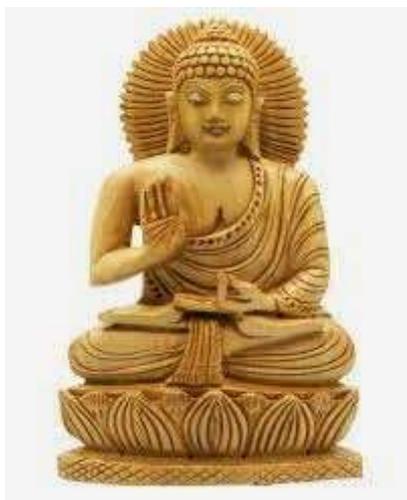


Foto: Internet

Meu primeiro encontro com o oriente e com a visão budista da vida e da morte ocorreu em Honolulu, quando ali estive em 1970, de passagem para o Japão.

À noite, num bairro distante de Honolulu, celebrava-se uma cerimônia budista. O templo era semelhante aos nossos cristãos, com um grande altar central rebuscado de ornamentações de ouro. Embaixo, sob o incenso e defumadores, os devotos acendiam velas e curvavam-se respeitosamente diante da imagem dourada de um santo com os olhos semicerrados. Era Gautama, o Buda, nascido na Índia há dois mil e quinhentos anos, e que, através de jejuns e meditações, conseguiu atingir o estado mais perfeito que um ser humano pode alcançar. Todo o Extremo-Oriente procura seguir os seus passos, e ali, no meio da Polinésia, sua voz continuava a ser ouvida. A cerimônia dos mortos que reunia japoneses de todas as ilhas era celebrada, em forma de rodízio, em diferentes templos. Tivemos a oportunidade de nos misturar aos budistas, como espectadores silenciosos das cenas, que se desenrolavam.

A cerimônia atravessava a noite, ao ar livre, no pátio em frente à igreja, e um sacerdote ao centro, no interior de um púlpito, comandava as danças e os cantos. Vestidos a caráter, quimonos apertados na cintura em faixas e laços, sandálias por cima de meias brancas, os japoneses dançavam.

Levavam os filhos pequenos que também batiam palmas e acompanhavam o

lento caminhar do círculo. Cantavam, em ritmo cadenciado, lembrando os mortos e alegrando-se porque eles continuavam vivos na memória dos que ficaram.

No culto aos mortos não existe tristeza, e sim, um sentimento de paz e de quietude interior. Para nós ocidentais chegava a ser monótono o ritmo sem transbordamentos do povo que cantava. Sentada nas escadas de pedra do templo budista, assisti a uma cerimônia estranha, ponto de partida para novas experiências a serem vividas mais adiante no continente asiático. Mais tarde, nas minhas caminhadas pelo Nepal e nos estudos feitos com os lamas tibetanos, pude completar essa primeira impressão de viagem: “Morrer é natural”, dizia o Lama, “o importante é morrer com alegria.”

16 de outubro de 2014

## REFLEXÕES SOBRE O JAPÃO



Foto: internet

Em 1945 quando terminou a segunda grande guerra mundial, um momento de silêncio pairou sobre a terra. Do outro lado do mundo duas cidades japonesas haviam sido devastadas pela bomba atômica. Naquele tempo não havia televisão, internet e celulares, tínhamos notícias pelo rádio e os jornais. A guerra terminara, com o sacrifício de milhares de inocentes.

Hoje, com os avanços dos meios de comunicação, imagens impressionantes de destruição chegam até nós. O tsunami negro, ameaçador, vai engolindo tudo em sua passagem: barcos, casas, pontes, estradas, o chão vai se abrindo, crateras surgem no meio do caminho e uma população heroica obedece a ordem que a situação de calamidade começa a exigir. O japonês supera as dificuldades com muita dignidade, inerente ao seu caráter. São impressionantes as manchetes:

“Uma falha na crosta terrestre, devido ao encontro de duas placas tectônicas, provoca um terremoto e tsunami no Japão.”

“O terremoto e o tsunami no Japão foram os maiores na história do país.”

“Toda a costa do Pacífico está em estado de alerta.”

“Japão confirma explosão e vazamento radioativo na zona nuclear.”

Enquanto escuto as notícias pela internet e televisão, dando detalhes impressionantes da energia da natureza e o seu terrível poder de destruição, vou refletindo sobre os perigos de nossa era tecnológica e os avanços do mundo explorando energias ameaçadoras. De minha casa eu posso ver as ogivas nucleares sendo ameaçadas e a bomba de Hiroshima volta à minha memória. As bombas trouxeram a morte e a destruição para duas cidades japonesas hoje reconstruídas pelo poder e a coragem de um povo heroico no sofrimento.

Revejo também a minha viagem ao Japão em 1970, quando aderi a um grupo de assistentes sociais que se dirigiam à Expo-70.

O Japão assimilou a civilização ocidental e, apesar de conservar hábitos tradicionais, houve simultaneamente uma aceleração de seu progresso. Perdura o culto às imagens na tradição dos templos budistas: águas jorrando das fontes sagradas, nuvens de incenso e velas acesas.

O artista japonês não se despersonaliza quando assume o Ocidente, porque o espírito oriental é revelado através da sensibilidade, da inventividade e da intuição, que supera a razão. Talvez, por isso mesmo, suas pinturas emocionem tanto o homem receptivo à Realidade Espiritual.

Enquanto o mundo ocidental preocupava-se com o homem, e o renascimento rendia-lhe verdadeiro culto como centro do universo, o oriente silenciosamente engrandecia a natureza. As grandes paisagens, em rolos enormes, dos museus de Kyoto e Tóquio, são testemunhas de uma arte sempre renovadora. De sua influência sobre o Ocidente nasceu a pintura informal.

Nikko é uma espécie de Teresópolis do Japão. Situada no alto de uma montanha com hotéis pitorescos é um local de férias. Ao longo da estrada observávamos palácios e castelos japoneses de vários andares, torres superpostas entre a exuberante vegetação. Atravessamos um túnel que nos levava ao outro lado da montanha, aos terraços onde podíamos ver as cachoeiras. Máquinas a tiracolo levantavam-se e ouvia-

se um repetido bater de fotos.

O japonês preserva cuidadosamente seus recantos de meditação. Esses são templos, onde a natureza é o altar para o encontro com a eternidade. Na tranquilidade desses jardins a alma recebe como benção o mistério nascido da terra.

A pedra em seu silêncio nos conta histórias do passado.

Ela não se reproduz como a planta. Existe. Quando foi criada? Ninguém sabe. E neste sentido de eternidade a pedra é mística e tem significado profundo.

Em Kyoto, os jardins de pedras sem plantas, são despojados como a doutrina Zen. O Zen-budismo foi a alma da arte japonesa.

Essas lembranças continuam vivas em minha memória e é com imenso pesar que vejo um povo com tanta espiritualidade e sensibilidade para a arte passar por uma prova tão difícil.

18 de março de 2011

#### **JARDINS DE MEDITAÇÃO E ARTE JAPONESA**



Fotos da internet

Todo ser humano tem necessidade de reflexão, de se afastar do movimento das cidades, de contemplar a natureza, os céus, o bando de aves que passa, as folhas das árvores e as pedras. Essa reflexão é necessária para a sobrevivência do homem como ser total. Na cidade moderna ela é mutilada pelo intenso movimento.

O japonês preserva cuidadosamente seus recantos de meditação. Esses são templos, onde a natureza é o altar para o encontro com a eternidade. Na tranquilidade desses jardins a alma recebe como benção o mistério nascido da terra.

A pedra em seu silêncio nos conta histórias do passado.

Ela não se reproduz como a planta. Existe. Quando foi criada? Ninguém sabe. E neste sentido de eternidade a pedra é mística e tem significado profundo.

Em Kyoto, os jardins de pedras sem plantas, são despojados como a doutrina Zen. O Zen-Budismo foi a alma da arte japonesa. Essa escola de reflexão importada da China expandiu-se também pelo Japão e exerceu sua influência sobre arquitetos, urbanistas e artistas plásticos. Esses artistas pintavam em grandes rolos de 15 metros sobre papel ou seda. A identificação do homem com a natureza é expressa através desses segmentos lineares, onde forma e espaço se equilibram em ritmo sinuoso: rochedos e árvores retorcidas, montanhas em planos superpostos, pintura de sonho e poesia, deixando entrever um pouco da Eternidade.

A filosofia Zen ordenou sugerir e não demonstrar. O homem desaparece dentro da paisagem. A natureza que o antecipou continua, em seu silêncio, a superá-lo. O homem vive, cresce e morre. A montanha resiste, afronta tempestades, ventanias e às vezes terremotos, mas só uma energia muito forte consegue derrubá-la. Talvez, por isso mesmo, suas pinturas emocionem tanto o homem receptivo à Realidade Espiritual. Foram feitas por monges budistas dedicados à meditação. Não procuram refletir cenas realistas, mas a Eternidade das coisas.

Enquanto o mundo ocidental preocupava-se com o homem, e o renascimento rendia-lhe verdadeiro culto como centro do universo, o Oriente silenciosamente engrandecia a natureza. As grandes paisagens, em rolos enormes, dos museus de Kyoto ou Tóquio, são testemunhas de uma arte sempre renovadora. De sua influência sobre o Ocidente nasceu a pintura abstrata informal.

Depois da guerra houve maior troca de influências. O povo ocidental trouxe a máquina e o progresso e a tradição milenar desse país levou ao Ocidente um pouco de sua vida interior. A cultura é a soma daquilo que temos por herança com o que nos é incorporado pelo meio. E o meio, hoje, não é apenas a nossa região, mas o mundo todo. Pertencemos a ele como uma parcela viva e dinâmica. Seríamos, talvez, uma célula morta se nos recusássemos ao enriquecimento de fora. Ele é necessário desde que não fragmente aquilo que realmente somos.

O artista japonês não se despersonaliza quando assume o Ocidente, porque o espírito oriental é revelado através da sensibilidade, da inventividade e da intuição, que supera a razão. No museu de Tóquio, entre obras modernas, os rolos antigos não formam

contraste. A sobriedade de seus elementos formais, o poder de sugerir mais do que raciocinar, conferem às gerações futuras o caminho da continuidade. (Trecho do livro de minha autoria “Encontro com mestres no oriente”)

11 de outubro de 2016

## A ARTE DE TESSAI



\*Fotos da internet

A poesia de Kyoto me lembra o grande artista que representou o Japão na VI Bienal de São Paulo e que, de certo modo, abriu caminho para a compreensão da arte do Extremo-Oriente no Brasil.

Lembro-me que a sala de Tessai foi das mais belas e significativas. Suas telas transmitiam a mensagem que só os grandes artistas conseguem comunicar. Provocavam um suspense e uma alegria estranha. Suas cores transparentes não reproduziam simplesmente a natureza. Ultrapassavam o conceito individualista da arte para alcançar o campo mais vasto de arte para a humanidade. Seus biógrafos e apresentadores na VI Bienal salientaram vivamente esse aspecto humanístico de sua pessoa.

Tessai era um homem de vasto saber, afamado mundialmente pelo seu humanismo e erudição. Entusiasta de viagens, aproveitou todo o tempo disponível, desde a juventude até a velhice, para vagar a pé pelo Japão inteiro. Interessado em história,

geografia e folclore, esteve sempre em contato com a grandeza do cenário natural e treinou incessantemente seus olhos para a melhor compreensão e percepção da realidade. “Enriquecido e cultivado pela leitura de dez mil livros e pela viagem de dez mil milhas, o espírito de Tessai atingiu seu ponto culminante através do duplo caminho da pintura e da caligrafia, em que se cristaliza a própria essência da arte no Extremo-Oriente. As suas pinturas representam o reino dos Três Tesouros e das Três Venturas, que são: a Boa Fortuna, a Riqueza e a Vida Longa, da mesma forma que as inscrições nos quadros, voltadas todas para o aprimoramento moral da ordem social e para a razão humana, estão imbuídas do espírito de que todos os homens são irmãos, e também do seu desejo de Paz e Felicidade para a Humanidade” (Kojo, Bispo Sakamoto, no catálogo da VI Bienal de São Paulo).

Esse trecho de sua apresentação no catálogo da Bienal levou-me a admirar também o outro lado do grande artista e o seu desejo de paz para o mundo.

Tessai atingiu o apogeu de sua arte aos oitenta anos de idade, quando conseguiu, através da luminosidade das cores e da transparência de tintas superpostas, chegar à síntese dos processos da pintura oriental. Aliando suas experiências de vida aos estudos teóricos, Tessai conseguiu transmitir em sua obra uma síntese de cultura, arte, filosofia e religião. Seus quadros, de extrema simplicidade, sintetizam essa visão universal do artista. Lembro-me bem do grande biombo, em seis partes, retratando doze locais paisagísticos do Japão. Depois, aquela flor enorme, sozinha, despojada de detalhes, que ocupava quase toda a área do papel cortado em vertical, parecia uma flor de lótus. De dentro dela uma ave levantava voo erguendo-se como um símbolo de paz. O quadro continha a economia de recursos daqueles que são plenos de sabedoria. Ali, em meio às obras de arte moderna, a arte de Tessai era da máxima contemporaneidade, colocando-se tranquilamente ao lado de outras representações internacionais. (Trecho do livro de minha autoria “Encontro com mestres no oriente”)

11 de outubro de 2016

## O SILÊNCIO DE BUDA



Fotos da internet

O Buda imenso medita, como meditam todos os budas de Kyoto. A atitude é serena, desligada do mundo e de sua agitação. As linhas curvas da escultura, despojadas

de sentimentalismo, procuram a harmonia universal. Buda significa o Iluminado, aquele que está liberto da ignorância.

A arte japonesa, que se faz representar através da força mística dos Budas, é uma arte que alia a tranquilidade à monumentalidade. Conduz ao eterno, levando o espírito a superar a terra e suas narrativas históricas e regionais.

Há serenidade no rosto, nas mãos, no ondulado da túnica e em toda a atitude da figura. Há quietude mental como querem os filósofos do Oriente. As linhas curvas, às vezes, lembram o Barroco. No entanto, não procuram a agitação, mas o equilíbrio, não levam o espírito ao sofrimento humano, à revolta, ao sentimentalismo, mas conduzem ao centro de todas as coisas onde existe quietude e serenidade.

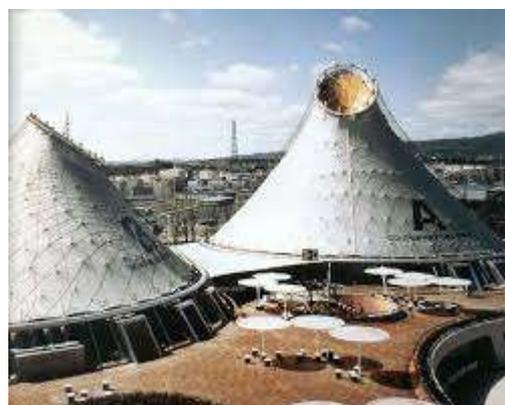
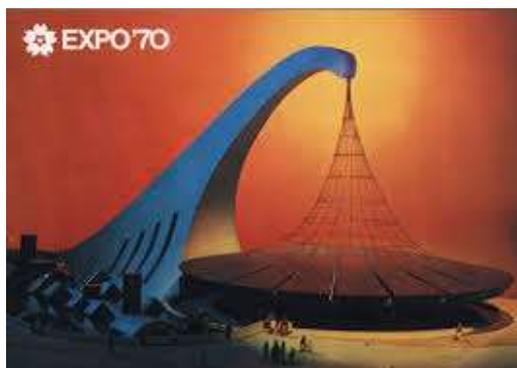
Percorremos o famoso templo das mil e uma estátuas de ouro para em seguida, na tranquilidade do museu, contemplarmos o grande Buda de bronze, que em seu silêncio transmitia a mensagem de paz. Esse sentimento de paz e eternidade atravessa o tempo e o espaço, supera a linguagem dos homens, as diferenças raciais e os costumes.

A arte possibilita o diálogo com o infinito. As diversas línguas e preces são como afluentes de um rio que desembocam no oceano.

Há uma linguagem comum que une o Ocidente e o Oriente através da força mística de seus artistas. A mesma quietude encontramos um dia no interior de Chartres, na França, ou na penumbra dos templos de Assis, na Itália. (Trecho do livro de minha autoria "Encontro com mestres no oriente")

18 de outubro de 2016

## EXPO 70 - DIÁRIO DE VIAGEM AO JAPÃO



Fotos da internet

A exposição internacional de Osaka, aberta de março a setembro de 1970 foi intitulada: “Progresso e Harmonia da Humanidade”.

A finalidade das primeiras mostras internacionais era ilustrar as transformações do século XIX, o encurtamento das distâncias, o conhecimento universal. Visava favorecer o intercâmbio entre as nações e a confiança na possível unidade do mundo.

Assim, em Londres, em 1851 organizou-se a primeira feira internacional. Em 1867 em Paris um pavilhão único em forma de globo reuniu a segunda exposição mundial. De 1893 em diante as exposições universais separam-se em pavilhões nacionais. Cada país mostra o conjunto de seu desenvolvimento.

Através dos diversos “stands” o visitante toma conhecimento do que se passa no mundo, do progresso tecnológico e da inventividade humana que se projetou vertiginosamente no século XX.

A criatividade manifestou-se através da arte, da ciência e da técnica, preenchendo a necessidade do homem de avançar para o futuro e descobrir novas realidades. A riqueza da técnica aliava-se ao gosto estético de criar beleza.

Entre luzes e formas o mundo se desenrolava, sintetizado e projetado nos diversos pavilhões. Estruturas metálicas, tubos, torres e globos continham a síntese do progresso de cada país. Havia uma aproximação dos povos, uma identificação de culturas.

Vivemos a época da comunicação. Recebemos mensagens que nos são enviadas através da TV, da imprensa, do rádio, dos computadores, da internet e dos celulares. As exposições internacionais trazem informações que ultrapassam a barreira da língua e são transmitidas através dos recursos mais modernos.

Admira-se o desenvolvimento do homem no campo da técnica e suas possibilidades criativas no campo da arte.

(Trecho do diário de viagem ao Japão, 1970)

Relendo o que eu escrevi em 1970, senti que me foi revelada a visão do mundo do futuro e a união de todos os caminhos do desenvolvimento humano: arte, ciência, religião e filosofia.

Foi o meu primeiro toque de consciência para mais tarde me abrir para outros

níveis, pesquisando e praticando a riqueza da filosofia oriental e sua contribuição para o despertar do ser humano no século XXI.

24 de outubro de 2016

## MEMÓRIAS DA EXPO 70





Cada vez mais eu me convenço de que a minha arte não está separada, mas acompanha sempre a minha vida e às vezes até antecipa os acontecimentos. Arte e vida são uma coisa só.

Contemplando as fotos e relendo os textos, as lembranças do passado, das viagens, me vêm à tona com todo o seu deslumbramento. Descortina-se para mim toda a apoteose do mundo do futuro, apresentada na Expo 70, no Japão.

A imaginação do homem constrói o mundo do futuro, das viagens espaciais descobrindo mistérios, desvendando outros mundos, outras terras.

Eu estava em plena fase dos astronautas quando viajei para o Japão. Nos meus

quadros daquela fase, eu pintara aqueles objetos estranhos, brilhantes. Era o meu mundo imaginário que ali estava exposto!

Foi assim que, visitando a Expo 70, me perdi no meio de tantas coisas deslumbrantes! Não me perdi sozinha, levei comigo a minha prima Myrtes, companheira de viagem. Ela também participava do meu entusiasmo. Entramos para o mundo do futuro, esquecemos o horário de regressar ao ônibus e nos perdemos na multidão. Esquecemos das guias turísticas, a exposição era grande, imensa, só coisas nunca antes percebidas. De repente, a multidão foi diminuindo, era hora de fechar.

Perdemos o ônibus, teríamos de voltar de taxi.

Entramos numa fila imensa, só japoneses. Os taxistas ofereciam seus préstimos, mas a única referência que tínhamos era um papel com o nome do hotel (Oriental Hotel) escrito na escrita japonesa.

Um casal de jovens que falava inglês, nos conduziu a um motorista que parecia ser uma pessoa responsável.

O nosso motorista era velho, prudente, honesto, mas não sabia uma só palavra de inglês. Sob tensão vimos as cercanias de Quioto desfilando sob nossos olhos. Rezamos, e talvez isto tenha nos ajudado. Era meia noite e, aos poucos, a cidade se apagava.

De repente, no meio da estrada, as luzes de um bar. Paramos o carro. O velho motorista desceu com o nosso papel na mão e voltou sorridente.

Nosso hotel não estava longe. Chegamos aliviadas. Fomos censuradas pelas nossas guias, que já haviam contatado a polícia...

17 de janeiro de 2017

## ESCRITA ORIENTAL E PINTURA GESTUAL



Fotos da internet

Alguns críticos ocidentais, especialmente os franceses, falam da caligrafia de um quadro quando se referem ao modo de um pintor conduzir um pincel, ao traço

característico do artista. Dizem que um quadro é legível quando comunica através da clareza do traço, da emoção e da sensibilidade linear. As origens desse conceito vêm da China e influenciaram o Ocidente através do Japão, país que serviu de ponte entre o Oriente e o Ocidente.

Observando de perto a pintura do Extremo-Oriente podemos ver com clareza a predominância da escrita como forma de expressão. Os artistas da China Antiga e do Japão escreviam textos poéticos em suas telas de seda e usavam o mesmo pincel para escrever letreiros ou cartazes. As cenas desenrolavam-se linearmente através dos grandes painéis, como se a natureza, perdendo os limites de espaço captados por nossa percepção, pudesse se desdobrar em tela panorâmica, revelando o conjunto de várias paisagens. Árvores e folhagens obedeciam a um ritmo caligráfico de intensidades variadas. As manchas sugeriam espaços indefinidos, esfumaçados, cheios de nuvens.

Os poemas acompanhavam o traçado das árvores e dos rochedos, com a mesma sensibilidade do desenho. A letra integra-se à paisagem, faz parte dela, não se destaca do conjunto como elemento dissonante. A caligrafia oriental é por si mesma artística e sugeriu ao ocidente a pintura de ação, o grafismo e o abstrato lírico.

Na França, o pintor Mathieu, reduzindo seu traço à vibração do inconsciente, identificou-se com a pintura japonesa. Os anúncios das lojas de Kyoto parecem telas de Mathieu distribuídas pelas ruas, como se esse ambiente se embandeirasse de abstratos modernos.

Nos Estados Unidos, os artistas da action painting (pintura de ação), Pollock, Tobey, Kline, Brooks, Stamus, ao procurar o automatismo psíquico, encontraram a fonte que inspirou a escrita oriental. A pintura de ação ou a arte abstrata informal, independente de temas históricos e de situações vividas em regiões particulares do mundo, mostra o artista em sua origem humana, genericamente semelhante ao seu irmão oriental.

Despojados de condicionamentos intelectuais e deixando-se guiar pela intuição, os artistas da action painting identificaram-se com o universo, fazendo o espaço cósmico predominar sobre a paisagem tradicional. Encontraram a filosofia oriental nessa atitude visionária, que atravessa as fronteiras do intelecto para alcançar a intuição pura. A pintura informal estendeu-se pelo mundo até a década de 60, abriu caminho para uma nova concepção de liberdade na arte e levou o artista ao encontro com sua própria interioridade.

A arte consegue escapar ao mundo para identificar-se com a Realidade Espiritual mais profunda. Observando as telas do Museu de Kyoto, encontramos atitudes semelhantes entre os homens que vivem do outro lado do mundo. A Realidade Interior do artista encurta distâncias e une os povos. O misticismo oriental, sua preocupação em fazer vibrar a energia cósmica através da pincelada e seu amor pela natureza encontram receptividade na alma dos artistas do Ocidente. (Trecho do livro de minha autoria “Encontro com mestres no oriente”)

31 de outubro de 2016

### A CRIANÇA JAPONESA





Fotos da Internet

Há no Japão uma tendência para a disciplina que se manifesta desde a infância.

As casas são limpas, não há desordem, o espaço é livre sem móveis. A criança desenvolvida dentro desse ambiente de ordem, cresce condicionada a uma estrutura que se revela através de seu comportamento: atravessa a rua sozinha, mesmo que tenha pouca idade, e tem iniciativas de adulto.

Naturalmente, sua arte reflete este comportamento disciplinado.

A criança japonesa revela, nos desenhos, muita sensibilidade e precocidade. Parece adulta.

Percorro uma exposição que se inaugura à tarde no JP Art Center. Há desenhos magníficos entre os jovens expositores adolescentes.

O japonês preocupa-se com o problema da arte na educação; várias escolinhas funcionam, não somente em Tokyo, como em outras cidades.

Há um intercâmbio com o Brasil e o mundo.

O diretor do Art Center mostra-nos sua coleção internacional de desenhos infantis, e entre eles posso ver alguns da escolinha de Arte do Brasil e do Atelier Livre de Arte no Rio de Janeiro.

Na volta, vejo bandos de crianças pelas ruas, camisa branca e chapéu azul marinho, uniforme geral de crianças e adolescentes que estudam. Assim uniformizadas elas percorrem os parques da cidade, os museus, dirigem-se aos colégios.

Kyoto, antiga capital do Japão, foi preservada pela aviação americana durante a guerra: seus palácios, cuidadosamente conservados, cercados de jardins, lembram o passado dos antigos senhores da terra, com 30 mulheres e mais de 150 filhos, vivendo debaixo do mesmo teto.

Tiram-se os sapatos para percorrê-los. No assoalho da varanda, do principal palácio

de Kyoto, o ruído de nossos pés ressoa como gorjeio de pássaros. Há um engenhoso mecanismo no subsolo, cuja finalidade era a de anunciar a chegada do inimigo.

No salão despojado de móveis, o poderoso senhor está sentado, enquanto cinco mulheres lhe servem chá. A cena é reconstituída em figuras do tamanho natural, vestidas com quimonos coloridos. (Trecho de diário de viagem, 1970)

12 de dezembro de 2016